

CONHECENDO A REDE DE OFICINANDOS

Coordenador: CLECI MARASCHIN

Autor: Etiane Araldi

A ação de extensão Oficinando em Rede articula três projetos de ensino, pesquisa e extensão propostos por esta Universidade em parceria com serviços de saúde mental, movimentos sociais e organizações comunitárias na Região Metropolitana de Porto Alegre. O denominador comum desses projetos consiste na experimentação, fomento e difusão de diferentes tecnologias da informação e comunicação - TIC - no campo da reforma psiquiátrica, no dentro/fora dos serviços de atenção à saúde mental, através da realização de oficinas específicas, que ocorrem em contextos distintos. Assim, estudantes de graduação e pós-graduação, docentes, trabalhadores e usuários dos serviços de saúde mental reúnem-se semanalmente para: 1) a) produção de blogs, b) uso de ferramentas de autoria na web para produção de páginas; c) hipertextos coletivos em oficinas de linguagens digital e robótica e de cidadania com crianças e adolescentes em atendimento no ambulatório e internação do Centro Integrado de Atenção Psicossocial - CIAPS do Hospital Psiquiátrico São Pedro; 2) produção e apresentação de programas radiofônicos em oficinas de rádio que ocorrem fora dos serviços, abertas à participação de usuários de diferentes pontos da rede de saúde mental da região metropolitana de Porto Alegre; 3) produção e exibição de vídeos em oficinas de vídeo com usuários do Centro de Atenção Psicossocial CAPS Cais Mental Centro da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre. A proposta desta ação abrange parcerias efetivas entre universidade, movimentos sociais, serviços de saúde e comunidade, bem como a articulação entre saberes diversos, como psicologia social, psicanálise, educação, comunicação, tecnologias e os saberes populares das comunidades implicadas. Tais parcerias e articulações se fazem ver através da elaboração conjunta das propostas de ações (por exemplo, a extensão) e da co-responsabilidade em sua implantação e avaliação, representando a colocação em cena de alguns dos princípios que regem a reforma psiquiátrica no país, notadamente, o protagonismo dos usuários, a quebra na hierarquização dos saberes e o investimento em práticas que privilegiem o diálogo interdisciplinar. Além da participação direta de usuários dos serviços de saúde mental como público alvo a quem se dirigem as propostas de oficinas, inscreve-se também no âmbito desta ação a preocupação com a formação dos profissionais desses serviços, tanto no que se refere ao ensino que vem se desenvolvendo nos centros de excelência - como universidades e

escolas de saúde - como ao que tem sido ofertado como educação continuada. Propõem-se ao campo da formação os mesmos princípios que se quer que atravessem o cuidado em saúde, privilegiando o lugar do trabalhador da saúde como protagonista e autor de sua prática e abrindo a possibilidade de que ele possa reinventar e reinventar-se em seu fazer. Esta ação sustenta a aposta de que o uso de tecnologias de informação e comunicação como a internet, a fotografia, a escrita hipertextual, a produção de vídeos e a radiodifusão pode operar mudanças na rede de convivência dos usuários dos serviços de saúde mental, com repercussões subjetivas sobre esses usuários e também na configuração dos serviços e no fazer dos seus trabalhadores. Mais ainda, apostamos na possibilidade de transformação das representações sociais em torno à loucura e doença mental e aos modos socialmente instituídos de cuidado e acolhimento. É esta potencialidade da tecnologia que, a partir da experiência consolidada até o momento pelos três projetos envolvidos, pretendemos disseminar e transmitir, fomentando a invenção de novas práticas de cuidado em saúde mental, dentro e fora dos serviços, e o incremento de trocas sociais, apontando seja para a criação de espaços mais abertos e alternativos à lógica psiquiátrica e de confinamento, seja para a multiplicação das formas de habitar e conectar-se à cidade. Assim, buscamos dar continuidade às experiências de rádio pelo Coletivo de Rádio Potência Mental; de tecnologias digitais pelo Oficinando em Rede; de produção de vídeo, pela Oficina de Imagens, visando, em cada uma dessas experiências, o alargamento dos espaços de trocas sociais oportunizados aos usuários dos serviços de saúde mental, transpondo os limites dos equipamentos de saúde e acompanhando-os na constituição de redes de interação baseadas em tecnologias de informação e comunicação. Com efeito, o acompanhamento dessas experiências coloca em evidência a potencialidade de suas ferramentas como produtoras de saúde, no sentido da diversificação de possibilidades de laços sociais por parte dos usuários dos serviços de saúde mental e da re-significação tanto do lugar desses usuários no seio de suas famílias como das concepções de loucura ou doença mental por parte da comunidade que toma contato com as produções desses três projetos. Temos podido constatar, igualmente, que a participação de trabalhadores dos serviços de saúde mental em cada um dos projetos, acompanhando as incursões dos usuários, via radiofonia, tecnologias digitais ou vídeo, no espaço da cidade, vem oferecer, a esses trabalhadores, uma outra experiência de encontro com esses usuários, distinta da experiência vivida nos serviços. Tal como as produções nesses grupos se propagavam, de formas diversas, na comunidade, essa diferença era também propagada ao serviço, tendo como efeito o reposicionamento do conjunto da equipe em relação aos usuários em questão. Por fim, a experimentação de uma sociabilidade que se exerce no espaço

tecnológico possibilita a colocação em análise do próprio processo de implantação da reforma psiquiátrica, com foco no funcionamento da rede e nas formas como as comunidades locais, a começar pelas famílias, respondem à desinstitucionalização da loucura. A ampliação e consolidação dessas experiências através da sua formalização como ação de extensão, como propõe este projeto, oferece a oportunidade do seu aprimoramento, a sistematização do conhecimento acumulado até o momento e sua utilização como ferramenta de formação de estudantes e trabalhadores do campo da saúde mental, na perspectiva da atenção psicossocial que tem, no seu horizonte, a transformação das relações entre sociedade e loucura.